

Associação entre valor cênico, turismo, religião e cultura na paisagem do Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais

Association between scenic value, tourism, religion and culture on the landscape of the Quadrilátero Ferrífero (Iron Quadrangle), Minas Gerais

Luiz Eduardo Panisset Travassos

Professor do Programa de Pós-Graduação em Geografia da PUC Minas

luizepanisset@gmail.com

Artigo recebido para revisão em 03/06/2014 e aceito para publicação em 30/6/2014

RESUMO

A ideia para elaboração do presente trabalho surgiu a partir do convite da Sociedade Brasileira de Espeleologia para elaboração de um capítulo sobre o valor cênico, turismo e religião em regiões que apresentam cavernas desenvolvidas em formações ferríferas. A partir da ideia inicial, decidiu-se ampliar o tema para que pudéssemos incluir, também, aspectos culturais da paisagem em uma região específica como a do Quadrilátero Ferrífero (QF), em Minas Gerais. Assim, tem-se como objetivo principal da pesquisa demonstrar a possibilidade de associação entre o valor cênico, turismo, religião e cultura no QF por meio da indicação de exemplos selecionados.

Palavras-chave: Valor cênico, turismo, religião, cultura, Quadrilátero Ferrífero

ABSTRACT

The idea of this paper emerged after the invitation by the Brazilian Society of Speleology for preparation of a chapter on the scenic value, tourism and religion in regions with caves developed in banded iron formations. From the initial idea, the author decided to expand the theme here so one could include the cultural aspects of the landscape in a specific region such as the Iron Quadrangle (Quadrilátero Ferrífero), in Minas Gerais. Thus, the main objective of this study is to demonstrate the possible association between the scenic value of a landscape together with tourism, religion and culture by indicating selected examples, especially in the QF.

Keywords: scenic value, tourism, religion, culture, Quadrilátero Ferrífero

1. INTRODUÇÃO

A experiência tem mostrado que é possível dizer que os ambientes naturais nos quais as sociedades humanas se desenvolveram podem ter influenciado, entre outras coisas, os vários sistemas de crenças espirituais e religiosas. A natureza como um todo, mas em especial as montanhas e as cavernas são tidas como “centros do mundo” sagrado para as religiões tradicionais e politeístas e até mesmo algumas daquelas que são consideradas monoteístas. Talvez devido ao valor cênico inerente às imponentes montanhas, afloramentos ou “bocas” de cavernas, a religião, bem como o turismo em seus vários segmentos, possui forte apelo em várias partes do mundo.

Não seria diferente que isso ocorresse, portanto, em regiões que possuem cavernas em formações ferríferas como os municípios que compõe o Quadrilátero Ferrífero (QF), em Minas Gerais. Observa-se que a própria história do Estado, muito importante para o “Ciclo do Ouro”

colonial, contribuiu para o surgimento de mitos, assimilação das religiões de matriz africana dos escravos e a religião católica dos colonizadores.

Por esse motivo, é objetivo principal deste trabalho identificar a relação entre o valor cênico, o turismo, as manifestações religiosas e a cultura de um povo com base em alguns exemplos selecionados, sem esgotar assunto tão rico e complexo em poucas páginas.

Destaca-se, também, que em muitos casos a dimensão sagrada conferida a alguns sítios pode ser considerada uma espécie de medida protetiva necessária a muitos destes locais. Paradoxalmente, o próprio uso sagrado de alguns sítios como as cavernas pode, muitas vezes, protegê-la do descaso, vandalismo ou mesmo da supressão, ainda que seu uso histórico seja muitas vezes responsável por danos irreversíveis. Estes, uma vez identificados, devem servir para se educar as futuras gerações e fazê-los compreender um tipo de comportamento ocorrido no passado quando da inexistência de regulação.

Outro ponto a ser discutido é o fato de que muitas das cavernas utilizadas como espaços sagrados guardam registros arqueológicos, históricos, geográficos e etnográficos em várias partes do mundo e não “surgem” frequentemente de uma hora para outra. São, portanto, antigos registros que devem ser respeitados e preservados como o direito a memória dos povos. Assim, não se espera com esse artigo realizar análises complexas sobre a teoria do turismo, medições, demandas ou seus impactos econômicos, por exemplo.

2. CONTRIBUIÇÕES DO TURISMO NO PIB E ALGUNS ASPECTOS GERAIS DA ATIVIDADE

De acordo com Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) quando as pessoas refletem sobre o turismo, muitas vezes pensam no deslocamento para passeio, visita a amigos ou parentes, tirar férias e se divertir. De forma mais profunda, é possível incluir nesta definição aquelas pessoas que estão participando de convenções, reuniões de negócios ou em alguma atividade profissional ou acadêmico-científica. Por esse motivo, a OMT conceitua o turismo com sendo o conjunto das atividades de deslocamento e permanência em locais fora do ambiente de residência do viajante por período inferior a um ano consecutivo, por razões de lazer, negócios ou outros propósitos.

Entretanto, a atividade turística pode ser considerada tão antiga quanto a própria História humana, sendo o valor cênico das paisagens (naturais ou construídas), uma das motivações que levam o indivíduo a se tornar um turista. Para Ignarra (2011), mesmo que antiga, somente recentemente tem despertado a curiosidade dos pesquisadores, principalmente desde 1991 quando o World Travel and Tourism Council (WTTC) passou a medir o impacto econômico do turismo.

Em 2014, o relatório do WTTC destacou a importância dos aportes dos turistas internacionais registrando uma contribuição global para a economia de cerca de US\$ 7 trilhões no

ano de 2013. O setor não só ocupou uma porção maior na economia global, como também cresceu mais rápido do que outros setores como os de serviços financeiros, transporte e indústria. No total, quase 266 milhões de empregos foram apoiados pelo Turismo em 2013, ou seja, cerca de 1 em cada 11 postos de trabalho no mundo. No Brasil, em 1990 o WTTC informava que o país registrava cerca de US\$ 32 bilhões no setor que veio apresentando crescimento chegando a cerca de US\$ 113.897 bilhões em 2014. Na geração de empregos diretos e indiretos, em 2013, a contribuição total do turismo foi cerca de 8.498.500, ou 8,4% da população economicamente ativa. Para 2014 o WTTC espera um crescimento de 4,5% elevando para 8.883.000 empregos, projetando-se cerca de 10.684.000 postos de trabalho para o ano de 2024.

No tocante às contribuições do setor no Produto Interno Bruto (PIB), o relatório do WTTC aponta para uma soma de cerca de R\$ 294,5 bilhões. Destes, 85,7% (R\$ 252,4 bilhões) foram gastos somente com as viagens de lazer e os 14,3% restantes (R\$42,1 bilhões) foram gastos com viagens de negócios. Assim sendo, destaca-se a importância inegável da atividade turística para o país, embora a realidade seja aquém do que desejamos.

Se levarmos “ao pé da letra” a definição da Organização Mundial do Turismo (OMT), consideramos que o turismo já existia desde a Antiguidade, embora de forma bem diferente da que conhecemos hoje em dia. Extrapolando um pouco esse conceito, podemos considerar a existência da atividade desde as migrações dos primeiros hominídeos em uma fase que poderíamos chamar de *pré-histórica*, assim como a geografia de então. O turismo e a geografia existiam para atender as necessidades básicas de sobrevivência daqueles grupos.

Para Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002), a invenção do dinheiro pelos sumérios (4.000 a.C.) teria marcado o desenvolvimento do comércio que exigia o estabelecimento de uma rede de caminhos, estradas e rotas marítimas e, conseqüentemente, a possibilidade de se pagar pelos transportes e hospedagens, por exemplo. No Egito, cruzeiros eram realizados e em 1480 a.C. a rainha Hatshepsut já havia chegado à costa leste africana conforme as inscrições presentes no templo de Deit El Bahari, em Luxor.

O início da fase *inicial* ou *primitiva* do turismo talvez tenha surgido na Grécia e Roma antigas, continuando na Idade Média com as peregrinações aos lugares sagrados e depois com as rotas comerciais e as Grandes Navegações. Com o tempo os caminhos se transformaram em estradas e as trocas tornaram-se mais intensas. Como Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) afirmam, existe uma relação entre a concentração de pessoas em cidades poderosas e a história das estradas a exemplo daquelas construídas por Alexandre, o Grande. Estradas mais elaboradas foram construídas pelos romanos a partir de 150 a.C. e Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) destacam uma rede aproximada de cerca de 80.000 km, afirmando que os romanos podiam viajar até 160 km por dia trocando de cavalos em postos de descanso a cada 13 ou 14 km. Faziam, portanto, um tipo

de turismo como o que fazemos até hoje: utilizavam guias de viagem, contratavam profissionais, deixavam grafites em toda parte (algo politicamente incorreto nos dias de hoje devido às preocupações ambientais) e compravam lembranças.

A Idade Média, conhecida como “Idade das Trevas”, muitas vezes mascara a importância que a geografia assim como a atividade turística teve no período. É certo que grandes discussões epistemológicas não ocorreram com frequência no período, mas não podemos nos esquecer de que as peregrinações religiosas desempenharam um importante papel. Entretanto, ainda eram poucos aqueles que se aventuravam por terras longínquas até o final desse período quando muitos passaram a se aventurar por regiões mais seguras que a Terra Santa, como o caminho de Santiago de Compostela, por exemplo. Igualmente importantes foram as contribuições de geógrafos árabes muçulmanos como Ibn Battuta, também motivado pela religião (TRAVASSOS, 2013), bem como chineses a exemplo de Xu Xiake, que visitou e descreveu inúmeras cavernas naquele país a fim de adquirir conhecimento sobre novas terras.

Uma fase *elitista* do turismo surge quando o ato de viajar somente era permitido à nobreza devido aos altos custos da atividade. Nessa fase Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) destacam a Grand Tour dos séculos XVII e XVIII que era feita apenas por diplomatas, empresários e estudiosos que viajavam por toda a Europa. Estes últimos, no entanto, viajavam por terras mais distantes na ânsia de aprimorar o conhecimento científico da época.

No início do século XX tem-se uma fase de *transição* com uma relativa estagnação devido à Primeira Guerra Mundial. Após esse período observa-se a fase do turismo de *massa*, iniciada após o término da Segunda Guerra Mundial e percebida até hoje, com destaque para o início da década de 90 como uma atividade mais acessível a diversos segmentos da sociedade e em uma escala nunca antes vista. Com base em Lickorish e Jenkins (2000) conclui-se que, especialmente a partir de 1945, o turismo se desenvolveu e especializou tornando-se uma indústria internacional bastante significativa.

No Brasil, Ignarra (2011) destaca que o turismo começa com seu próprio “descobrimento” pelos colonizadores, pois de certa forma, as Grandes Navegações não deixavam de ser uma espécie de turismo de aventura. Com a fundação das Capitânicas Hereditárias e do Governo-Geral, criou-se, nas palavras do autor, um turismo de negócios entre a metrópole e a colônia. Já as viagens de intercâmbio cultural começaram a ocorrer quando os filhos das classes mais abastadas eram enviados à Portugal para estudar. Ainda que com estrutura precária, não é possível negar a existência dessas atividades que continuaram com os as Bandeiras e com as explorações dos naturalistas (turismo de aventura e turismo científico, respectivamente). As atividades eram consideradas turísticas, pois envolviam a combinação de atividades e serviços diversos, ainda que conforme destacado, com estrutura precária.

Como é sempre preciso uma delimitação espacial e geográfica para uma pesquisa, em especial no contexto do Quadrilátero Ferrífero, destaca-se que foi principalmente no século XIX que inúmeros viajantes naturalistas chegaram à então colônia brasileira e deixaram registros riquíssimos sobre a natureza, a economia e os costumes dos brasileiros. Neste último tipo de registro, muitos foram os que escreveram sobre os aspectos da religiosidade colonial, inclusive, com o registro do uso religioso de cavernas no QF. Outros aspectos que tornam essa área uma importante região turística com diversos atrativos são, especialmente, a história, as artes, o artesanato, a gastronomia típica, o folclore (na forma das músicas e danças tradicionais), a religiosidade e, obviamente, o contato com a natureza. Destaque deve ser dado ao *geoturismo* que, a partir do século XX, passou a ser melhor divulgado em todo o mundo, incentivando a conservação do patrimônio geológico de uma região, muitas vezes esquecidos pelos gestores quando da elaboração de roteiros ecoturísticos e de programas de conservação da natureza.

Trigo et al. (2007) nos lembram que a estabilidade política, social e econômica são fatores fundamentais para o desenvolvimento do turismo em um país ou região. Por esse motivo, no Brasil, a primeira fase de desenvolvimento do turismo como conhecemos hoje ocorreu na década de 1970 com o fomento à implantação de uma estrutura hoteleira, cursos superiores e técnicos de turismo e divulgação de nossos atrativos que acabaram por não surtir muito efeito devido aos problemas causados pela crise do petróleo, bem como o despreparo de muitos “planejadores” que não se preocuparam com a preservação ambiental e com a qualidade e formação de profissionais qualificados a atuar no setor.

Assim, desde meados da década de 70 até meados da década de 90, várias crises econômicas cíclicas marcaram a história do país e o turismo ficou quase paralisado, apresentando-se melhor a partir de então. Destaca-se que o Ministério do Turismo foi criado somente a partir de 2003 devido a antiga reivindicação do setor para que os problemas da área fossem tratados em um ministério específico (TRIGO et al., 2007). Talvez isso explique, em alguns casos, o relativo estado de atraso e despreparo que pode ser percebido no país, ainda que dados de 1999 da OMT apontem que o setor movimentou cerca de 450 milhões de dólares.

Para Lickorish e Jenkins (2000), embora em termos mundiais a maior proporção de turistas ainda viaje dentro da Europa, Estados Unidos, Canadá e México (e entre essas duas regiões), há claramente um crescimento em relação às viagens de longas distâncias. Assim, devemos ficar atentos para que a crescente demanda turística nos países em desenvolvimento não prejudique os próprios centros receptivos, em especial, aqueles do Quadrilátero Ferrífero.

3. BREVE SÍNTESE DOS ATRATIVOS TURÍSTICOS REGIONAIS

O Quadrilátero Ferrífero é uma região composta por diversos municípios essencialmente ligados à história do Ciclo do Ouro em Minas Gerais. Diversos são os atrativos existentes na região destacando-se aqueles relacionados aos patrimônios natural, pré-histórico, histórico e cultural. Para este trabalho optou-se por destacar, inicialmente, a divisão em Unidades de Gestão proposta pelo *Geopark Quadrilátero Ferrífero*. Assim sendo, é possível identificar quatro Unidades, cada uma com suas orientações estratégicas, a saber: 1) Unidade Caraça (Educativa); 2) Unidade Ouro Branco (Cultural); 3) Unidade Moeda (Base Comunitária); e 4) Unidade Curral (Científico e empresarial).

A Unidade Caraça destaca os municípios de Barão de Cocais, Catas Altas e Santa Bárbara, cujos atrativos naturais e culturais são dominantes e variados. Talvez o principal atrativo da Unidade seja a própria Serra do Caraça cuja imponência em meio à paisagem atrai turistas que buscam subir seus pontos culminantes (e.g.: Pico do Inficionado e o Pico do Sol), bem como as inúmeras cachoeiras e igrejas, sendo que estes últimos atrativos concentram-se na Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça. Em relação ao turismo educacional e científico, é possível destacar o Sítio da Pedra Pintada (Figura 1), cujos painéis de pinturas rupestres atraem, especialmente, grupos escolares. Uma pequena gruta de uso religioso também pode ser visitada em Barão de Cocais (Figura 2) e foi identificada por Cassimiro, Lima e Calux (2012).



Figura 1 – Aspectos gerais do sítio da Pedra Pintada (Foto: L.E.P. Travassos)



Figura 2 – Aspecto geral da gruta de Nossa Senhora Aparecida em Barão de Cocais (Foto: Allan Calux)

A Unidade Ouro Branco apresenta como destaque os municípios de Congonhas, Itabirito, Ouro Branco e Ouro Preto, cujos atrativos principais apresentam os valores da arquitetura religiosa barroca. São inúmeras as igrejas de relevância histórica, mas é o Santuário do Senhor Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas, que recebe a chancela de Patrimônio Cultural da Humanidade da UNESCO (Figura 3). Além das igrejas, a região conta com sítios geológicos importantes para o fomento do geoturismo, a exemplo da própria Serra do Ouro Branco, um paredão de cerca de 20 km de extensão, ou do Pico do Itabirito.

Sob o ponto de vista do Turismo de Base Comunitária, a Unidade Moeda destaca o próprio município de Moeda e a Serra da Moeda. É nesta Unidade que a culinária mineira também se destaca e os esportes de aventura como o *parapente* são praticados. Além dessas atividades, ciclistas praticam o mountain bike e os amantes das caminhadas deslocam-se pelas serras da região.



Figura 3 – Vista geral do Santuário de Bom Jesus de Matozinhos e detalhe de um dos profetas de Aleijadinho (Foto: L.E.P. Travassos)

Por último, mas não menos importante, destaque deve ser dado à Unidade Curral que também apresenta uma vocação científica e outra empresarial. Nos municípios dessa unidade é possível identificar as atividades ligadas ao bem como aquelas atividades ligadas ao turismo científico. Na região está localizado o Parque Estadual do Rola-Moça que também apresenta vocação para o geoturismo (Figura 4).

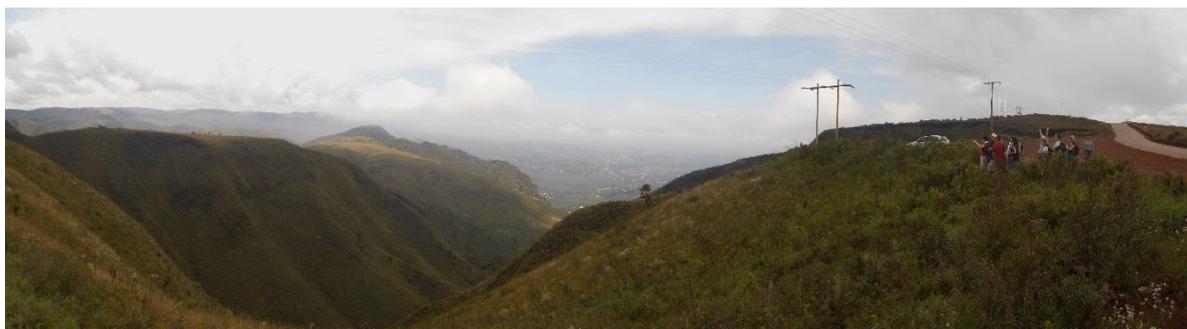


Figura 4 – Vista panorâmica de um mirante no Parque Estadual da Serra do Rola Moça (Foto: L.E.P. Travassos)

Vale a pena destacar que as vocações de cada unidade existem, mas não são restritas somente a elas. Em todas, o que vai motivar o turista é sua vontade muito particular, uma vez que uma Unidade de Gestão que apresente vocação para o turismo educacional pode apresentar atrativos naturais que atraiam turistas que não estejam necessariamente interessados na experiência pedagógica.

4. VALOR CÊNICO, TURISMO E RELIGIÃO: EXEMPLOS SELECIONADOS

Quando nos referimos a uma paisagem quase automaticamente relacionamos o termo ao seu valor cênico, e se conectarmos ao turismo e à religião, tal afirmativa torna-se ainda mais verdadeira. A *paisagem* é amplamente estudada pelos geógrafos, embora não seja exclusiva destes profissionais. Para a Geografia, Travassos e Amorim Filho (2001) afirmam que foi a partir do século XIX que o termo passou a ser amplamente utilizado sendo, em geral, concebido como um conjunto de formas relativas a uma parte ou seção da superfície terrestre. A partir de então, novas concepções surgem e fazem com que os naturalistas de então reflitam de forma mais profunda acerca da “estrutura e organização da superfície terrestre em seu conjunto” (PASSOS, 1998). Para Naveh e Lieberman (1984) citados por Travassos e Amorim Filho (2001), as primeiras concepções do termo baseavam-se em valores estéticos e aspectos cênicos (qualidades visuais) e com o decorrer do tempo, as transformações do pensamento humano incorporaram preocupações voltadas não apenas à sua composição e traçado, mas ainda ao desenvolvimento de uma consciência englobando a qualidade ambiental e qualidade de vida como fatores vitais à sobrevivência das comunidades.

Mesmo que hoje saibamos das diferentes percepções e representações do espaço, acredita-se que toda paisagem possui um valor cênico para determinado grupo social ou indivíduo e é justamente esse valor a mola propulsora para o turismo.

Para Goeldner, Ritchie e McIntosh (2002) muitas das atividades de lazer ao ar livre estão relacionadas aos esportes e foram classificadas na área do turismo de aventuras. Entretanto, devemos lembrar que muitas atividades ligadas ao uso religioso da paisagem ou de uma caverna, não necessariamente se encaixam neste segmento turístico. A visita a locais históricos ou festivais religiosos não apresentam ligação alguma com o turismo de aventuras, mesmo que muitas vezes o sacrifício faça parte da jornada do turista. Assim sendo, destacaremos a seguir, alguns exemplos que aliam valor cênico, turismo e religião, bem como aqueles que aliam pelo menos o valor cênico e o turismo. Muitos são sítios que perfazem uma unidade maior como uma Serra, outros são aqueles sítios propriamente ditos.

- **A Serra da Piedade**

Conhecida por muitos antes mesmo de se tornar um polo mais organizado do turismo religioso, a Serra da Piedade foi destaque em Ruchkys et al. (2007) que enfatizaram sua localização na divisa dos municípios de Sabará e Caeté (MG) cerca de 50 km a nordeste de Belo Horizonte, em uma altitude de 1.746 metros, formando a extremidade oriental da Serra do Curral, na borda norte do Quadrilátero Ferrífero.

Em relação à sua história, destaca-se que é altamente conectada à história dos bandeirantes no Brasil e à consequente ocupação do território de Minas Gerais. Juntamente com o Pico de Itabira e o do Itacolomi, entre outros, foi um dos mais significativos referenciais paisagísticos que foram utilizados pelos primeiros bandeirantes que andaram pela região a procura de ouro. (RUCHKYS et al., 2007). Para Renger et al. (1994) citados por Ruchkys et al. (2007), a Serra da Piedade é parte do conjunto da Serra do Curral que recebe denominações locais como Serra Azul, Fecho do Funil, Itatiaiuçu, Três Irmãos, Serra do Rola Moça, Serra da Piedade, dentre outras, marcando o limite setentrional do Quadrilátero Ferrífero que, morfologicamente, é sustentada pelas rochas do Supergrupo Minas. Tal sequência é composta por sedimentos clásticos e químicos, sendo os últimos os que constituem a formação ferrífera do Itabirito Cauê e os calcários da Formação Gandarela.

Como em muitas partes do mundo, sua sacralidade ocorreu em função de uma *hierofania*, ou manifestação do sagrado. A tradição oral registrada por Santos Pires (1902) dá conta que uma menina conhecida como a “muda da Penha” filha de piedosa família e muda de nascença, teria avistado a Virgem Santíssima com Jesus nos braços no alto da Serra da Piedade e, desde então, voltou a falar imediatamente. Assim, os boatos em relação à aparição da Virgem foram a razão pela qual Antônio da Silva Bracarena deu início à construção de uma capela em 1767 que hoje, encontra-se muito bem conservada devido a constantes trabalhos de restauração (Figura 5).



Figura 5 – Vista geral do Santuário no alto da Serra da Piedade (Foto: L.E.P. Travassos)

Ruchkys et al. (2007) destacam que o elevado valor religioso da Serra fez com que, em novembro de 1958, o Papa João XXIII consagrasse a imagem do Santuário de Nossa Senhora da Piedade como Padroeira do Estado de Minas Gerais e todo ano, entre 15 de agosto e 7 de setembro, acontece o jubileu em sua homenagem reunindo milhares de fiéis no alto da Serra.

Do ponto de vista espeleológico, Cassimiro et al. (2011) e Pereira (2012) destacam a região como sendo um local de alto potencial para o desenvolvimento de cavernas no itabirito, na canga ou desenvolvidas no contato entre essas duas litologias. Além disso, cavernas do tipo talus ocorrem desde o topo até a baixa vertente e existem aquelas que são utilizadas por fiéis católicos, bem como aqueles de matriz africana.

Desde o século XVIII a região foi ocupada por eremitas que sempre a perceberam e a defenderam como um lugar sagrado. Portanto, achavam que deveria ser preservada e conservada. Dentre os representantes religiosos que habitaram a serra, destaca-se o Frei Rosário Joffily (1913–2000) que, ao longo do século XX, lutou pelo tombamento do Santuário localizado no topo da serra (CASSIMIRO et al., 2011). Em relação aos naturalistas do século XIX que palmilharam o território destacam-se Johann Baptist von Spix (1781 – 1826) e Carl Friedrich Philipp von Martius (1794 – 1868), que subiram a serra em 1818, embora não tenham mencionado a existência de cavernas. No caso específico da religião, nota-se que de acordo com as referências históricas e relatos de funcionários do Santuário de Nossa Senhora da Piedade, existem sítios “milagrosos” que são visitados pelos romeiros com o objetivo de recolher a água dos gotejamentos. Atualmente, dois rochedos são chamados de “milagres” e não possuem nenhuma outra denominação específica, sendo referenciados em 1832 por Wilhelm Ludwig von Eschwege em sua obra “Contribuição a geognóstica” (CASSIMIRO et al., 2011). Em 1818, somente o francês Auguste Saint-Hilaire visita e registra a gruta do Eremita e os vestígios de seu uso pelos fiéis. Outra referência histórica importante sobre as cavernas de uso religioso na Serra da Piedade também foi registrada por Cassimiro et al. (2011). Os autores destacam a existência de um croqui com a representação dos principais “caminhos” dos romeiros e que foi elaborado pelo Frei Rosário Joffily no período em que foi reitor do Santuário de Nossa Senhora da Piedade. No roteiro estão destacadas, além da gruta do Eremita, a gruta dos Monges e a gruta de São Tomé.

Além destas cavernas que são utilizadas por fiéis de crença católica, destaca-se na região cavernas utilizadas em práticas rituais de religiões de matriz africana. Sobre esse tipo de religião em associação ao subterrâneo, é possível encontrar referências mais detalhadas em Guimarães et al. (2011). Na Serra da Piedade tem-se os trabalhos de Cassimiro et al. (2011) e Pereira (2012) que identificam a caverna da Macumba. Os últimos autores fazem a identificação geomorfológica da caverna que recebeu a denominação popular devido a objetos encontrados no seu interior. De

acordo com Pereira (2012), ela se insere na borda da unidade denominada de Platô Superior e apresenta três entradas de formas diferentes, indo de estreitas à amplas.

- ***A Serra do Curral***

Do ponto de vista cênico, a Serra do Curral surge na paisagem como uma superfície imponente em relação ao contexto regional. Silva (2007) destaca que é topograficamente elevada e sustentada por formações ferríferas, que se localiza entre os municípios de Belo Horizonte, Nova Lima e Sabará, sendo reconhecida como patrimônio paisagístico e natural do município de Belo Horizonte, tombado desde a década de 1970. Por seu valor cênico também é considerada como o maior símbolo e referência natural da capital mineira. Do ponto de vista religioso, Ruchkys et al. (2012) citam Lima Jr. (1901) que destaca o fato de uma capela de pau e palha ter sido erigida em 1716 e a partir deste local à base da serra do Curral desenvolveu-se o Curral Del Rey, hoje Belo Horizonte.



Figura 6 – Vista aérea da Serra do Curral (Foto: L.E.P. Travassos)

- ***A Serra do Ouro Branco***

Considerada por Ruchkys et al. (2012) como geossítio geológico de número 10, guarda valor cênico regional. Para os autores, no século XVIII, era passagem das antigas tropas que realizavam as trocas de mercadores e ouro na região sendo, por isso, conhecida como serra do Deus-te-livre devido às muitas dificuldades para realização da travessia. O maciço ainda guarda sítios arqueológicos e belos mirantes.

- ***O Pico do Itacolomi***

Assim como diversos outros picos do Quadrilátero Ferrífero, o Pico do Itacolomi (Figura 7) serviu como referência geográfica para diversos viajantes por causa de seus quase 1.800 m. Entre Ouro Preto e Mariana, desde 1967, está dentro do Parque Estadual do Itacolomi, unidade de conservação bem estruturada que conta com boa infra-estrutura turística, além de bons exemplos de exibição museológica como o Centro de Visitantes (Figura 8), a Casa Bandeirista (Figura 9), o Museu do Chá (Figura 10), a Capela de São José (Figura 11a), Trilha do Forno (Figura 11b), etc.



Figura 7– Valor cênico e religiosidade em Ouro Preto com o Pico do Itacolomi ao fundo (Foto: L.E.P. Travassos)



Figura 8 – Aspectos gerais do Centro de Visitantes e as exposições que abordam a história de Minas Gerais e os aspectos geológicos, geomorfológicos, hidrológicos e de fauna (Fotos: L.E.P. Travassos)



Figura 9 – Vista externa da Casa Bandeirista e detalhes do interior (Fotos: L.E.P. Travassos)



Figura 10 – Detalhes dos objetos históricos no interior do Museu do Chá (Fotos: L.E.P. Travassos)



Figura 11 – Detalhe da Capela de São José dentro dos limites do PE do Itacolomi. Interação entre a paisagem e a religiosidade mineira. À direita, detalhe de um antigo forno construindo com elementos da geodiversidade regional (Fotos: L.E.P. Travassos)

Do ponto de vista da união entre o geoturismo e o valor cênico inerente de grande parte dos sítios geológicos e geomorfológicos, Ostanello (2012) apresentou uma importante contribuição que teve como base o PE do Itacolomi. No trabalho a autora identifica cavidades naturais subterrâneas e abrigos sob rocha originalmente formados por blocos abatidos como as grutas do Abrigão, Sertão e a Kiva, nomeados por ela como sendo Locais de Interesse Geológico 19, 26 e 35, respectivamente. Nenhuma delas possui associação conhecida com o uso religioso, mas apresentam valor cênico em meio à paisagem do Parque.

- ***A Serra do Gandarela***

Outra serra de importância cênica, ambiental e científica, a Serra do Ganderela é palco de constantes conflitos entre setores da sociedade civil e o setor produtivo mineral. Além de inúmeros trabalhos sobre a região, mais recentemente em 2012, foi publicada uma dissertação no mestrado de Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável da Universidade Federal de Minas Gerais (SANCHES, 2012)

Sabe-se, ainda, que a região possui paleotocas (cavernas ou tocas escavadas por tatus gigantes extintos que viveram na região até cerca de 10 mil anos atrás), além de artefatos de pedra e cerâmica associados às cavernas desenvolvidas em canga comprovando a ocupação humana há pelo menos 1,5 mil anos antes do presente inclusive com petroglifos (desenhos na rocha) na couraça ferruginosa da Serra (CARMO et al., 2012).

- ***A Serra do Mascate***

De acordo com as informações da página na internet do Geoparque do Quadrilátero Ferrífero, nesta região existem as Casas Velhas que são um conjunto construído de canga com aproximadamente 1.200m². Na paisagem atual é possível distinguir um muro alto com janelas seteiras e uma única entrada onde provavelmente existia um portão. No interior existem ruínas de sete casas onde é possível identificar a prisão, corpo da guarda, paiol de pólvora, etc. Assim sendo, é possível considerar o sítio como um forte colonial.

- ***A Serra do Caraça***

A Serra do Caraça (Figura 12) destaca-se na paisagem regional como importante sítio de valor cênico. Além dessa primeira característica, a região apresenta importantes sítios espeleológicos, entre eles, os destacados por Dutra et al. (2002) que afirmam ser a Serra composta essencialmente por quartzitos, localizada no Quadrilátero Ferrífero, porção sul, e uma das mais elevadas altitudes desta região. Dentre os picos mais elevados destaca-se o do Inficionado com 2.068 m de altitude e que apresenta grandes abismos e cavidades naturais subterrâneas significativas em escala mundial como as grutas do Centenário, do Centum, do Bloco Suspenso, da Fumaça e da Bocaina.



Figura 12 – Aspecto geral da Serra do Caraça vista em trilha dentro da Reserva Particular do Patrimônio Natural do Caraça (Foto: L.E.P. Travassos)

A história do Caraça e adjacências está intimamente ligada à união entre história, beleza cênica regional e religiosidade, essa última especialmente por causa da criação do Colégio Caraça que funcionou de 1821 a 1968. De acordo com as informações do site oficial do Santuário do Caraça, a Igreja de Nossa Senhora Mãe dos Homens foi erigida em função do aumento do número de pessoas na região. Após sete anos de construção, foi consagrada em 27 de maio de 1883 e conta com a presença de elementos da geodiversidade regional em sua construção como a pedra sabão retirada de local próximo à Cascatona, mármore (das proximidades de Mariana e Itabirito) e quartzito (da região do Caraça e vizinhanças), sendo reconhecida como a primeira a primeira igreja neogótica do Brasil (Figura 13).



Figura 13 – Entrada da Igreja de Nossa Senhora Mãe os Homens (Foto: L.E.P. Travassos)

Do ponto de vista espeleológico, Dutra et al. (2002) afirmam que as visitas ao Pico do Inficionado tornaram mais constantes, com padres e alunos desbravando as entranhas do maciço, com destaque à gruta do Centenário, cujo nome foi uma homenagem ao centenário da Independência do Brasil ocorrido em 1922. Foi somente em 1996 que o Grupo Bambuí de Pesquisas Espeleológicas começou um trabalho sistemático com atividades de exploração, topografia e estudos das cavidades e fendas do Pico do Inficionado (Figura 14)

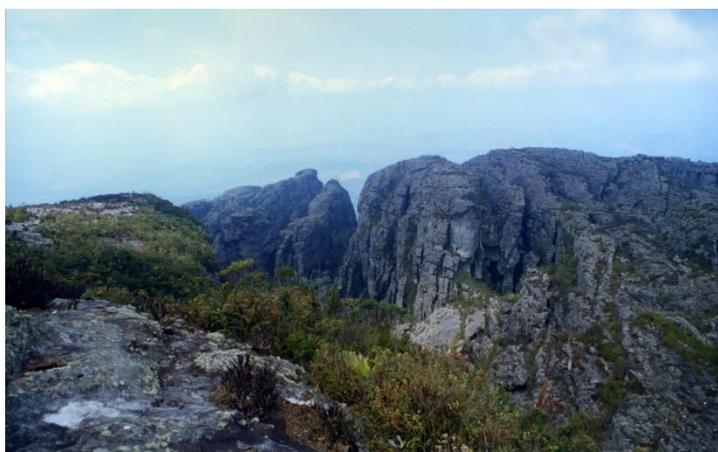


Figura 14 – As muitas fendas do Pico do Inficionado na Serra do Caraça (Foto: L.E.P. Travassos)

- ***O Pico de Itabira***

O Pico de Itabira (também conhecido como Pico de Itabirito) apresenta-se como importante marco dos diversos períodos de ocupação do Estado de Minas Gerais (ROSIÈRE et al., 2005). Dotado de valor cênico e científico, Ruchkys et al. (2012) destacam o sítio como sendo um corpo verticalizado de minério de ferro compacto, constituído de óxidos de ferro bem antigos do ponto de vista geológico. Assim como a Serra da Piedade, serviu como marco de orientação para os bandeirantes e exploradores do território mineiro no século XVI e XVII e para os naturalistas viajantes no século XVIII, tendo sido descrito por Burton na oportunidade em que visitou Cata Branca, em 1869. Os autores continuam destacando sua importância cênica em meio à paisagem regional ao afirmarem que ele foi registrado, junto com o pico do Itacolomi e a Serra do Caraça na Carta da Capitania de Minas Gerais elaborada por Eschwege em 1822. O pico encontra-se tombado como patrimônio nacional desde 1962 e, desde 1989, tombado como patrimônio paisagístico.

- ***A Gruta da Igrejinha***

Iniciando a identificação de lugares que aliam beleza cênica, religião e os subterrâneos, destaque merece ser dado à gruta da Igrejinha. Bem conhecida e estudada por espeleólogos mineiros e, em especial, aqueles da SEE – Sociedade Excursionista Espeleológica, a gruta foi tema de publicação recente de Meyer, Rosada e Lucon (2013) que buscaram sua valoração. Assim, destacam que a cavidade está inserida na APP de mesmo nome, localizada entre os municípios de Ouro Preto e Ouro Branco, entre a Estação Ferroviária de Hargreaves e a Comunidade do Morro Gabriel no Distrito de Miguel Burnier. Na década de 1980 a gruta foi objeto do conhecido conflito entre interesses minerários e de conservação devido à exploração dos mármores dolomíticos do entorno.

De acordo com os autores, a gruta da Igrejinha apresenta parâmetros geológicos que garantem seu enquadramento como uma cavidade natural subterrânea de relevância máxima pois, se comparada suas notáveis dimensões em nível local e regional é considerada a segunda maior na unidade espeleológica em que se insere. Destaca-se, também, sua posição em relação ao Parque Estadual do Ouro Branco que abriga, em sua delimitação atual, a quase totalidade da Área de Preservação Permanente (APP) da Gruta da Igrejinha, a maior caverna em mármore do Quadrilátero Ferrífero (MEYER; ROSADA; LUCON, 2013).

- ***A Lapa de Antônio Pereira***

Caverna desenvolvida em dolomitos da Formação Gandarela, o sítio visivelmente alia beleza cênica e religiosidade e foi estudada por Paula et al. (2007), Travassos et al. (2007), Travassos e

Rodrigues (2011) e Travassos (2010; 2011). De importância histórico-religiosa, acredita-se que o culto de Nossa Senhora da Lapa tenha se iniciado em função da forte influência portuguesa na região durante o período Colonial.

A tradição oral afirma que existem pelo menos dois acontecimentos históricos conhecidos: o primeiro evento teria ocorrido em 1722, quando algumas crianças estavam procurando lenha na floresta e avistaram um pequeno coelho entrar numa caverna. Ao procurarem o animal, teriam avistado Nossa Senhora rodeada por uma luz brilhante. Em seguida, teriam encontrado a imagem da Santa. A tradição conta, ainda, que a imagem teria sido levada da caverna para a Igreja da aldeia, mas teria retornado sozinha para a gruta várias vezes até que um altar fosse construído em seu interior. É importante ressaltar que o retorno da imagem ao abrigo original é semelhante aos fatos supostamente ocorridos em Portugal, no século XV (TRAVASSOS, 2010; 2011).

O segundo evento, também destacado por Travassos (2010;2011) teria ocorrido em 1767 quando um jovem rapaz que também foi atraído para a gruta por um coelho. Ao entrar, teria avistado Nossa Senhora sentada sobre uma rocha. Depois de sair da caverna e dizer a todos sobre o ocorrido teria retornado e encontrado a imagem de Nossa Senhora. Assim como nas estórias de Portugal e na primeira versão, a imagem foi levada para a igreja da aldeia por ordens do padre local, mas teria retornado várias vezes à gruta até que fosse construído um altar em seu interior. Com a destruição da igreja por um incêndio de origem desconhecida, o fato foi também interpretado como a vontade da Santa de retornar ao seu lugar de origem. Assim, o número de romeiros que iam à caverna foi intensificado e desde então, em 15 de Agosto milhares de pessoas visitam a gruta de Nossa Senhora da Conceição da Lapa.

Em relação à sua importância histórica, o Padre Aires de Casal (1817), afirma que “em distância de 2 léguas ao nordeste de Mariana, junto ao Arraial de Antônio Pereira (seu fundador), num morro, que fica no fim dum vale ameno, está uma gruta, obra da natureza, convertida pela devoção em uma capelinha dedicada a Nossa Senhora da Lapa, onde todos os sábados há missa cantada, e uma festividade a 15 de Agosto. No teto, que é de pedra calcária, há várias estalactites, ou como pedaços de cristal formados pela infiltração da água que se congela (CASAL, 1817/1976, p.170). Além do religioso, Spix e Martius (1824, p.277) também identificam a gruta que se localiza em um afloramento de calcário cinza claro que se destaca na paisagem (...). É provavelmente calcário primitivo e (...) nele encontra-se uma caverna com estalactites, transformada na Capela de Nossa Senhora da Lapa (SPIX; MARTIUS, 1824, p.277). Outro viajante de igual importância, que registrou a gruta, foi D. Pedro II que destaca o fato de existir no interior uma capela e que deveriam ter aproveitado somente as pedras naturais. O Imperador teria visitado todos os salões e destaca que em 15 de agosto ocorre a romaria (D. PEDRO II, 18 de abril de 1881, [s.i])

Em resumo, a Lapa de Antônio Pereira, com cerca de 239,48 m de projeção horizontal, divide-se em um salão principal onde se encontra o altar e outras estruturas próprias de uma igreja ou capela. À direita do altar é possível ver um espeleotema percebido pelos fiéis como a imagem de Nossa Senhora. Na parte posterior do altar, outro salão recebe as velas depositadas pelos peregrinos, especialmente no dia da padroeira, 15 de Agosto (Figuras 15 e 16).



Figura 15 – Aspecto geral da entrada da caverna no maciço dolomítico (Foto: L.E.P. Travassos)



Figura 16 – Altar no interior da lapa bem como nicho onde está localizado o espeleotema percebido como Nossa Senhora (Detalhe) – Foto: L.E.P. Travassos

5. CONCLUSÕES

Como o presente trabalho tentou-se demonstrar que é perfeitamente aceitável estabelecer uma estreita relação entre os aspectos da beleza cênica de uma paisagem, a religião e o turismo. Destaca-se que os exemplos que foram selecionados aqui estão longe de serem os únicos representantes, mas são, certamente, aqueles mais conhecidos dentro da área do Quadrilátero Ferrífero e que aliam os aspectos identificados no próprio título do trabalho.

Não foi levado em consideração os aspectos relacionados aos números de visitantes ou à instalação de infraestrutura turística básica, embora muitos dos exemplos selecionados apresentem-se acessíveis ao turista “comum”. Em muitos casos a sacralidade da paisagem ou de um sítio específico enfrenta desafios relacionados à preservação em função da exploração econômica ou uso inadequado do espaço.

REFERÊNCIAS

CARMO, F.F. do; CARMO, F.F.do; CAMPOS, I.C. de; JACOBI, C.M. Cangas: ilhas de ferro, **Ciência Hoje**, v. 50, n. 295, p.49-53, 2012.

CASAL, M.A. de. **Corografia Brazílica ou Relação histórico-geográfica do Reino do Brasil (1817)** São Paulo: EDUSP/Itatiaia Editora, 1976.

CASSIMIRO, R.; LIMA, T.; CALUX, A. Gruta religiosa em Barão de Cocais é topografada. **Conexão Subterrânea**, n.99, p. 2-2, 2012. Disponível em <http://www.karstportal.org/FileStorage/Conexao_Subterranea/99.pdf> Acesso em 28 jun. 2014.

CASSIMIRO, R. PEREIRA, M.C.; GUERRA, A.; CAMARGO, R.; HISSA, L.de B.V.; FARIA, L.E.; RENGER, F.E. Referências históricas sobre os “milagres” e as cavernas da Serra da Piedade, Quadrilátero Ferrífero, Minas Gerais. In: Congresso Brasileiro de Espeleologia, 31, 2011, Ponta Grossa. **Anais...** Ponta Grossa: SBE/GUPE/UEPG, 2011, p.357-364.

DOM PEDRO II. Volume 24: Viagem a Minas Gerais – Primeira Parte 26/03 a 19/04 de 1881. Transcrição de Aurea Maria de Freitas Carvalho. In: BEDIAGA, B. (Org.). **Diário do Imperador D. Pedro II: 1840-1891**. Petrópolis: Museu Imperial, 1999. 1 CD-ROM.

DUTRA, G.M.; RUBBIOLI, E.L.; HORTA, L.S. Gruta do Centenário, Pico do Inficionado (Serra da Caraça), MG: A maior e mais profunda caverna quartzítica do mundo. In: SCHOBENHAUS, C.; CAMPOS, D.A.; QUEIROZ, E.T.; WINGE, M.; BERBERT-BORN, M. (Ed.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**, 2002. p. 431-441.

GOELDNER, C.R.; RITCHIE, J.R.B.; McINTOSH, R.W. **Turismo: princípios, práticas e filosofias**. 8.ed. Porto Alegre: Bookman, 2002. Tradução de Roberto Cataldo Costa.

GUIMARÃES, R.L.; TRAVASSOS, L.E.P.; GÓIS, A.J.; VARELA, I.D. Cavernas e Religião: os rituais de matriz africana na Gruta da Macumba e na Gruta do Feitiço, Lagoa Santa, Minas Gerais. **Ra'e ga (UFPR)**, v. 23, p. 263-288, 2011.

HALL, C. M.; PAGE, S.J. **The Geography of Tourism and Recreation: Environment, place and space**. 3.ed. Routledge: London/NewYork, 2006.

IGNARRA, L.R. **Fundamentos do turismo**. 2.ed. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

LICKORISH, L.J.; JENKINS, C.L. **Introdução ao turismo**. 6.ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2000.

MEYER, B.O.; ROSADA, T.R.; LUCON, T.N. Valoração da Gruta da Igrejinha, Ouro Preto (MG) para seu possível enquadramento dentro dos novos limites do Parque Estadual Serra do Ouro Branco proposto pelo Projeto de lei Nº 3.405/2012. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (Orgs.) Congresso Brasileiro De Espeleologia, 32, 2013. Barreiras. **Anais...** Campinas: SBE, 2013. p. 307-317.

OSTANELLO, M. C. P. **O patrimônio geológico do Parque Estadual do Itacolomi (Quadrilátero Ferrífero, MG): inventariação e análise de lugares de interesse geológicos e trilhas geoturísticas**, 2012.204f. Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Ouro Preto. Escola de Minas. Departamento de Geologia. Programa de Pós-graduação em Evolução Crustal e Recursos Naturais.

PAULA; H.C. de; SILVA, C.M.T. da; SANTOS, T.F.; MATTEO, D.E.G. de; GONTIJO, A.A. Caracterização, diagnóstico e cadastramento da Lapa de Antônio Pereira – MG. In: XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2007, Ouro Preto. **Anais...** Campinas/Ouro Preto: SBE/UFOP, 2007.

PEREIRA, M.C. **Aspectos genéticos e morfológicos das cavidades naturais da Serra da Piedade – Quadrilátero Ferrífero/MG**, 2012. 150f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia – Análise Ambiental, Universidade Federal de Minas Gerais.

ROSIÈRE, C.A.; RENGER, F.E.; PIUZANA, D.; SPIER, C.A. 2005. Pico de Itabira, MG - Marco estrutural, histórico e geográfico do Quadrilátero Ferrífero. In: WINGE, M.; SCHOBENHAUS, C.; BERBERT-BORN, M.; QUEIROZ, E.T.; CAMPOS, D.A.; SOUZA, C.R.G. ; FERNANDES, A.C.S. (Eds.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**, 2005. Disponível em <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio042/sitio042.pdf>>. Acesso em 12 mar 2014.

RUCHKYS, U.A.; MACHADO, M.M.M.; CASTRO, P. de T.A.; RENGER, F.E.; TREVISOL, A.; BEATO, D.A.C. In: SCHOBENHAUS, C.; SILVA, C.R. da (Ed.) **Geoparques do Brasil: propostas**. Rio de Janeiro: CPRM, 2012. p.183-220 (Volume 1).

RUCHKYS, U.A.; RENGER, F.E.; NOCE, C.M.; MACHADO, M.M.M. Serra da Piedade, Quadrilátero Ferrífero, MG - da lenda do Sabarabuçu ao patrimônio histórico, geológico, paisagístico e religioso. In: WINGE, M.; SCHOBENHAUS, C.; BERBERT-BORN, M.; QUEIROZ, E.T.; CAMPOS, D.A.; SOUZA, C.R.G.; FERNANDES, A.C.S. (Ed.) **Sítios Geológicos e Paleontológicos do Brasil**, 2007. Disponível em: <<http://sigep.cprm.gov.br/sitio129/sitio129.pdf>> Acesso em 11 mai 2014.

SANCHES, R.M. da S. **A Serra do Gandarela**, 2012. 169f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, Universidade Federal de Minas Gerais.

SANTOS PIRES, A.O. A Serra da Piedade. **Rev. Arq. Publ. Min.**, v.7, p. 813-826, 1902.

SILVA, F. R. **A paisagem do Quadrilátero Ferrífero, MG:** potencial para o uso turístico da sua geologia e geomorfologia, 2007. 144f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal de Minas Gerais.

SPIX, J.B.von; MARTIUS, C.F.P. von. **Travels in Brazil in the years 1817-1820 undertaken by command of his Majesty the King of Bavaria.** London: Longman, Hurst, Orme, Brown and Green, 1824. v.1

TRAVASSOS, L.E.P. Ibn Battuta e os subterrâneos sagrados do Islã. In: RASTEIRO, M.A.; MORATO, L. (Orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 32, 2013. Barreiras. **Anais...** Campinas: SBE, 2013. p.207-213. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais32cbe/32cbe_207-213.pdf>. Acesso em: 22/04/2014.

TRAVASSOS, L.E.P. O uso religioso do patrimônio geológico: o caso da Lapa de Antônio Pereira, Minas Gerais. In: 12 Simpósio de Geologia do Sudeste/16 Simpósio de Geologia de Minas Gerais, 2011, Nova Friburgo. **Anais...** Rio de Janeiro: SBG, 2011. v. 1. p. 115-115.

TRAVASSOS, L.E.P. **A importância cultural do carste e das cavernas**, 2010. 347f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.

TRAVASSOS, L.E.P.; AMORIM FILHO, O.B. A percepção geográfica da paisagem cárstica como instrumento de preservação. **Informativo SBE**, v.1, n.82, p. 10-13, 2002.

TRAVASSOS, L.E.P.; RODRIGUES, E.R. O imaginário e as tradições ligadas à Nossa Senhora da Lapa em Antônio Pereira e Vazante, Minas Gerais. In: TRAVASSOS, L.E.P.; MAGALHÃES, E.D.; BARBOSA, E.P. (Org.). **Cavernas, rituais e religião**. Ilhéus: Editus, 2011. p. 321-337.

TRAVASSOS, L.E.P.; VARELA, I.D.; RODRIGUES, E.R.; GUIMARÃES, R.L. A Festa Religiosa de Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira, Minas Gerais. In: XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2007, Ouro Preto. **Anais...** Campinas/Ouro Preto: SBE/UFOP, 2007. p. 315-315.

TRIGO, L.G.G.; ALMEIDA, R.A. de; LEITE, E.; MALCHER, M.A. **Aprendiz de lazer e turismo**. MTUR/AVT/IAP/USP: São Paulo, 2007.

UNWTO-World Tourism Organization, 2014. Disponível em <<http://www2.unwto.org/>> . Acesso em 05 fev 2014.

WTTC-World Travel and Tourism Council. **Travel & Tourism Economic impact 2014 –Brazil**. WTTC: London, 2014.